

As gravuras rupestres da Fraga da Pegada: notícia preliminar. Santa Combinha - Macedo de Cavaleiros

Sofia Figueiredo¹

Palavras-chave: arte rupestre, Trás-os-Montes, podomorfos, cruciformes

Resumo

Apresentam-se os resultados do levantamento de arte rupestre realizado na Fraga da Pegada, freguesia de Santa Combinha, concelho de Macedo de Cavaleiros. Os trabalhos realizados foram efectuados em 2006 pela Associação Terras Quentes, contando com o apoio da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, com o objectivo de valorizar, preservar e divulgar este sítio arqueológico.

Introdução

A Fraga da Pegada é uma rocha de grandes dimensões que, apresentando uma morfologia que se assemelha a uma crista, ocupa um lugar proeminente na paisagem. Nela se encontram diversos motivos gravados que, quer pela falta de um contexto arqueológico associado, quer pela morfologia dos tipos gravados, apresentam uma série de dificuldades tanto ao nível da atribuição de cronologias bem como à sua interpretação. O seu dispositivo iconográfico enquadra-se na arte pós paleolítica, tendo sido inventariados cruciformes, ferraduras, podomorfos, covinhas, entre outros motivos de menor ocorrência.

O Nordeste Transmontano é rico em manifestações de arte rupestre, apesar de, até aos anos 80, o número de títulos disponíveis na bibliografia ser muito escasso. De facto, assumiram um estatuto de raridade os que, de carácter monográfico, deram conta de estudos e levantamentos de pormenor.

A partir dos anos 80, Maria de Jesus Sanches apresentou os primeiros estudos científicos e metodologicamente orientados sobre arte rupestre do Nordeste Transmontano. Ainda assim, estes limitaram-se no espaço, debruçando-se particularmente sobre os concelhos de Mirandela, Miranda do Douro e Mogadouro. Actualmente, no seio da arqueologia portuguesa, excluindo alguns estudos de carácter pontual, sente-se ainda uma certa inércia no estudo da arte rupestre pós-glaciar. Os escassos trabalhos de sistematização e o seu carácter sintético, limitam e inibem de algum modo os estudos levados a cabo nesta área. Neste cenário, são de extrema importância os estudos que procuram apresentar e acrescentar novos dados à pesquisa da arte rupestre no nosso país.

A metodologia, descrita em ponto próprio, foi um dos aspectos fundamentais do levantamento, onde se procurou privilegiar o rigor. Foram ainda testados alguns procedimentos, como o modelo 3D, de forma a complementar e tornar acessíveis os dados do levantamento.

Localização e caracterização geomorfológica

Como mencionámos, a Fraga da Pegada situa-se na freguesia de Santa Combinha, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. Tal como nos é apontado por Carlos Alberto Santos Mendes, o concelho de Macedo de Cavaleiros situa-se na zona de

¹ Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Avenida Central, 39, 4710-228 Braga
sofia_csf@clix.pt

Transição, entre o grupo da Terra Fria da Alta Montanha e o grupo da Terra Quente que conhece altitudes mais baixas comparativamente à primeira (Mendes 2005, p.17).

O sítio encontra-se numa pequena elevação sobre a parte terminal da albufeira da Barragem do Azibo. Insere-se numa área favorável à circulação de água, produzindo numerosas nascentes de carácter sazonal que tornam a paisagem dinâmica e verdejante. De acordo com a Carta Geológica de Portugal, à escala 1:50.000, Folha 7-D Macedo de Cavaleiros, a Fraga da Pegada situa-se no complexo Vulcano-Silicioso de idade Silúrica, na zona de contacto dos Xistos com os metavulcanitos ácidos porfiríticos.

A construção da Barragem do Azibo, iniciada em 1979 e concluída em 1983, alterou profundamente a topografia do local. Consultando as Cartas Militares mais antigas, anteriores à construção da barragem, observamos que a Fraga se localiza ligeiramente abaixo da confluência de duas linhas de água, na margem direita da ribeira do Reguengo. As características aplanadas dos terrenos envolventes da rocha contribuíam para que esta se destacasse na paisagem (Fig.1).

A Fraga da Pegada situa-se a uma altura de cerca de 615 metros, tendo como panorama a Nordeste a Serra da Nogueira, a Oeste a Nossa Senhora do Campo e a Sul, actualmente, a albufeira do Azibo. A Este, situa-se uma pequena elevação que ampara o local. Situa-se assim a meia encosta e perto de pequenos cursos de água, o que faz com que a rede hidrográfica local seja a sua característica topográfica mais importante.

As respectivas coordenadas geográficas, segundo o meridiano de Lisboa da “Carta Militar de Portugal”, na escala 1/25 000, folha nº 64, de 1996, são as seguintes:

6° 53' 5'' Lat. N.

41° 35' 0'',8 Long. W. (Fig. 2).

O acesso ao local poderá ser feito pela Estrada Municipal 548 que tem ligação à IP4 e à localidade de Santa Combinha.

Historiografia da Fraga da Pegada

A Fraga da Pegada é referenciada pela primeira vez no Tomo IX das *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte*, pela mão de Francisco Manuel Alves, o conhecido Abade de Baçal. Nesta obra, na página 652 encontramos a seguinte alusão: “Dizem que na povoação de Santa Combinha, concelho de Macedo de Cavaleiros, há uma pegada incisa numa fraga”.

Foi posteriormente mencionada no Inventário Arqueológico do «Leste do Território Bracarense» (Neto, 1975: 240), a partir da referência anterior, não contendo no entanto qualquer tipo de descrição.

Num artigo publicado n' *O Arqueólogo Português* em 1977, Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro apresentam um mapa com a distribuição dos podomorfos em Portugal (Gomes e Monteiro, 1977: 158), onde sinalizam a Fraga da Pegada.

Só nos finais dos anos 90, e devido às referências da sua existência nas obras acima mencionadas, técnicos da extensão do Instituto Português de Arqueologia, sedeados em Macedo de Cavaleiros, desenvolveram uma acção de campo visando a localização e confirmação da sua presença. Formularam assim a primeira descrição sumária da Fraga da Pegada.

Por último, no livro *Macedo de Cavaleiros; Cultura, Património e Turismo; Contributos para um Programa Integrado*, que constitui a tese de Mestrado de Carlos Alberto Santos Mendes, encontramos uma nova referência à Fraga da Pegada. Esta última descrição é feita da seguinte forma : “Feita a prospecção ao local, encontrou-se um bloco de xisto em transição com granito onde podemos encontrar vários pediformes, covinhas e filiformes, em painel separada encontram-se gravadas cinco cruciformes,

pensando-se tratar de marcas de delimitação Concelhias executadas em meados do século XIX, aquando da separação de Santa Combinha do Concelho de Bragança.”

Metodologia

A primeira fase de trabalhos decorreu nos meses de Maio, Junho e Julho de 2006. Os painéis foram então integralmente limpos, tendo em atenção uma plena visibilidade das gravuras. Para tal, optámos pelo método menos agressivo que se materializou na utilização da água da Barragem do Azibo, escovas de plástico e espátulas de madeira. Esfregando a superfície gravada, alternadamente com a escova e a espátula, repetiram-se as mesmas operações em toda a rocha até esta se encontrar limpa (Fig. 3).

A presença de uma colonização líquénica muito desenvolvida e o crescimento de plantas como giestas e silvas na rocha, dificultaram a tarefa, complicando ainda o levantamento e o estudo das gravuras existentes nas várias superfícies (Figs. 4 e 5). A acção de limpeza foi objecto da máxima cautela para que não ocorressem danos nas superfícies tratadas; assim, para além do cuidado tido na remoção de líquenes, tornou-se necessária uma maior atenção nas superfícies fragmentadas, para não abrir fissuras maiores que as já existentes.

A esta primeira fase seguiu-se, no mês de Agosto, o levantamento das gravuras da Fraga da Pegada. Este foi efectuado através do decalque directo, tendo-se realizado à noite, com luz artificial, para se conseguir uma maior nitidez de contraste entre as figuras e a superfície. O decalque das gravuras foi realizado recorrendo a plástico transparente de tipo polivinilo transparente e a canetas Edding 3000.

O decalque directo dos motivos ofereceu diversas dificuldades ligadas à própria morfologia da rocha. Esta está cheia de saliências e depressões que, sobretudo no Inverno, se encontram cheias de água, e a intersecção de diferentes planos horizontais, verticais e/ou com pendentes confere-lhe propriedades geométricas que colocam problemas quanto ao método a adoptar para a realização dos decalques. Deste modo optou-se por fazer o decalque das gravuras inserindo-as no plano em que se encontravam. Para oferecer uma maior fiabilidade e percepção do registo optou-se ainda por efectuar um modelo 3D da Fraga da Pegada, utilizando para tal o software Autodesk 3D Studio Max (Fig. 23).

As superfícies gravadas foram decalcadas integralmente, ou seja, incluindo as áreas não decoradas, os principais acidentes dos suportes, as suas fissuras e zonas lascadas. Deste modo, possibilita-se uma melhor percepção das causas que terão conduzido à eleição de certas zonas para suporte das manifestações artísticas (Baptista 1997: 218).

No gabinete, os decalques feitos no campo foram digitalizados para posteriormente serem tintados usando o software Adobe Illustrator CS2. Deste modo foram criadas diferentes camadas (layers), a primeira com o decalque de campo digitalizado, a segunda com os contornos dos painéis, a terceira com as fissuras e lascagens da rocha, e uma quarta com as gravuras. Todas as gravuras foram representadas a negro com a forma exacta dos originais (Baptista 1997: 218). As fissuras foram representadas através de linhas ponteadas e os limites dos painéis decorados por linha grossa a cheio (Baptista 1997: 218).

Para além dos decalques, privilegiou-se também o registo de todos os motivos gravados através da fotografia. Os levantamentos fotográficos, tal como os decalques directos, foram realizados à noite. O registo fotográfico digital foi realizado com o recurso à iluminação por conjuntos de flash lights externos à câmara fotográfica, sincronizados por sistemas wireless.

Descrição da Fraga da Pegada e das suas gravuras

A Fraga da Pegada tem aproximadamente 13,30 metros de comprimento e 5,30 metros de largura. Foram inventariados doze painéis distintos. Devido à morfologia particular que apresenta, é extremamente difícil atribuir a posição relativa dos diferentes painéis, sendo que as suas superfícies são descontínuas e extremamente irregulares (Fig. 6).

Assim, do lado Nordeste, temos um primeiro painel horizontal (Painel 1), ao qual se segue um sub-vertical (Painel 2), no sentido sul, separado por uma fenda do primeiro. Continuando no mesmo sentido, apartado por uma fissura ou fenda cheia de terra que não foi retirada, surge o painel 3. Contíguo a este, separado por uma pequena fenda, está o painel 4. O painel 5 encontra-se já a entrar na massa rochosa, tendo uma disposição que consideramos como horizontal ou sub horizontal e que se diferencia sobremaneira do painel anterior. O painel 6 é mais recuado que o 4 e é sub - vertical, apresentando uma disposição intermédia quando comparada com os painéis 4 e 5. O painel 7 é o último seguindo a direcção sul e encontra-se separado do anterior por um estalamento. Chegados a este último painel do lado Este temos que contorná-lo para o lado Oeste, cujo primeiro painel é o número 8, que constitui o lado oposto do painel anterior. Depois deste painel e separado por vários planos e fendas surge o painel 9 que se une ao 10 apesar de se encontrarem em planos com distintas pendentes. Por cima destes encontra-se um grande painel vertical que não apresenta qualquer gravura. O painel 11 é uma grande superfície do lado Noroeste que se encontra a uma altitude superior relativamente aos dois painéis anteriores e separado destes por diferentes planos e fendas. O painel 12 situa-se no cimo da Fraga, numa espécie de taça alongada que no Inverno se encontra coberta de água. Assim, os diferentes painéis dividem-se entre si por fissuras ou desníveis da rocha criando diferentes nichos.

Metodologicamente, optámos por atribuir a cada superfície um número e, seguir uma ordem que se materializou da seguinte forma: começando pelo lado Nordeste, desce-se para Sul, contorna-se a rocha para ao lado Oeste e sobe-se para Norte, ou seja, circula-se à volta da rocha. Por fim sobe-se para encontrar o painel número 12. À semelhança de outros locais, como o abrigo gravado com arte esquemática da Solhapa, as descontinuidades da rocha que serviu de suporte às gravuras terão condicionado tanto a escolha dos tipos de motivo a gravar como a sua organização interna (Sanches & Lebre 1986: 132).

Painel 1

Superfície de pequenas dimensões que se situa do lado norte da Fraga da Pegada. Apresenta uma disposição horizontal, tendo apenas gravado um motivo (Fig. 7).

Motivo 1- Covinha de forma circular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 7 cm de diâmetro e cerca de 2 cm de profundidade.

Painel 2

Superfície de médias dimensões que se vira para o lado Este da Fraga. Apresenta uma superfície sub-vertical. Neste painel encontram-se gravados cinco motivos (Fig. 8).

Motivo 1- Constituído por um traço solto, mede cerca de 6 cm de comprimento, 1,5 cm de largura e 0,2 cm de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.

Motivo 2- Gravura com forma em “T”, mede 11 cm de comprimento. O traço ortogonal é cortado por uma fissura da rocha e mede cerca de 8 cm. A profundidade é de cerca de 0,2 cm. A técnica empregue foi a picotagem.

Motivo 3- Este motivo deverá ser considerado como um cruciforme simples, apesar de só um dos braços estar presente. O facto é que a gravura aproveita o estalamento da rocha para se assemelhar a uma cruz. Mede de comprimento cerca de 13 cm. A profundidade do traço é de 0,1 cm.

Motivo 4- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13,5 cm de comprimento e 10 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 0,3 cm.

Motivo 5²- Antropomorfo em *fi* grego, é o único que se encontra na Fraga da Pegada e poderá ser um dos gravados mais antigos. Tem 16 cm de comprimento, e 10 cm de largura. A profundidade do traço é de 0,2 cm e a técnica de execução foi a picotagem.

Painel 3

Superfície de grandes dimensões, do lado Este da Fraga da Pegada (Fig. 9). Este painel vertical é o que apresenta mais motivos gravados contando-se ao todo 25. De uma forma geral todos eles se localizam num local central do painel. Neste espaço associam-se gravuras recentes e outras de cronologias mais recuadas (Fig. 10).

Motivo 1- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13 cm de comprimento e 15 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 2,5 cm.

Motivo 2- Constituído por um traço solto, mede cerca de 4 cm de comprimento, 1 cm de largura e 0,1 cm de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.

Motivo 3- Constituído por um traço solto, mede cerca de 6 cm de comprimento, 2 cm de largura e 0,1 cm de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.

Motivo 4- Forma circular com 10 cm de diâmetro, a espessura do traço, embora não uniforme, é de cerca de 3 cm. A profundidade do traço é de 0,2 cm.

Motivo 5- Cruciforme constituído por um traço central, cruzado por outro traço. Mede 22 cm de comprimento e 13 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1,5 cm.

Motivo 6- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 16 cm de comprimento e 13 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1 cm.

Motivo 7- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 33 cm de comprimento e 27 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 4 cm.

Motivo 8- Motivo em L invertido ou em ângulo. Mede 6 cm de comprimento e 6,5 de largura; a profundidade do traço é de 0,2 cm.

² O motivo 5 deste painel é um antropomorfo em *fi*, apesar de não surgir representado desta forma no desenho apresentado em anexo.

Motivo 9- Figura compósita onde surge um cruciforme dentro de uma auréola. O traço central do cruciforme prolonga-se dando origem a um ramiforme cuja primeira linha ortogonal curva para baixo nas extremidades; para além desta apresenta mais três linhas ortogonais. O motivo mede cerca de 35 cm de comprimento, 17 cm de largura e 0,2 cm de profundidade no traço, não sendo este um valor uniforme.

Motivo 10- Círculo simples, com 10,5 cm de diâmetro e 2 cm de espessura no traço, não sendo no entanto uniforme. A profundidade do traço é de 0,1 cm.

Motivo 11- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 8 cm de comprimento e 9 cm de largura. Foi realizada através da técnica de picotagem, apresenta uma secção em U, com 0,5 cm de profundidade.

Motivo 12- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 7,5 cm de comprimento e 8,5 cm de largura. Foi realizada através da técnica de picotagem, apresenta uma secção em U, com 0,5 cm de profundidade.

Motivo 13- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 18 cm de comprimento e 13 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1 cm.

Motivo 14- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 10 cm de comprimento e 9 cm de largura. Tem cerca de 0,1 cm de profundidade.

Motivo 15- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 9 cm de comprimento e 8,5 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 16- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 7 cm de comprimento e 9 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 17- Círculo simples, com 10cm de diâmetro e 3 cm de espessura no traço, não sendo no entanto uniforme. A profundidade do traço é de 0,5 cm.

Motivo 18- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 9 cm de comprimento e 8 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 19- Cruciforme simples que arranca de covinhas. Os dois eixos medem cerca de 12,5 cm cada um. A profundidade do traço é de cerca de 0,3 cm.

Motivo 20- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13 cm de comprimento e 14 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 1 cm.

Motivo 21³- Ramiforme ou arboriforme, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outros 5 traços centrais, sendo que um deles aproveita uma fissura natural do suporte. Apresenta ainda uma espécie de auréola que circunscreve a figura, sendo esta de difícil visualização. O comprimento da gravura é de cerca de 45 cm sendo

³ O motivo 21 deste painel apresenta uma auréola que circunscreve a figura, devido à dificuldade de visualização que apresenta, aquando do trabalho de campo de decalque directo, não foi assinalada, não surgindo assim no desenho em anexo.

a largura do primeiro traço ortogonal de 16 cm. A profundidade do traço é de 1 cm. O motivo foi realizado através da técnica de picotado.

Motivo 22- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 32 cm de comprimento e 26 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 5 cm.

Motivo 23- Cruciforme simples que arranca de covinhas. Os dois eixos medem cerca de 12,5 cm cada um. A profundidade do traço é de cerca de 0,3 cm. É o único cruciforme do painel que apresenta uma orientação em “X” do painel.

Motivo 24- Traço solto, mede cerca de 14 cm de comprimento e 1 de profundidade. A técnica aplicada foi a picotagem e a abrasão.

Motivo 25- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 6 cm de comprimento e 6 cm de largura. Tem cerca de 0,5 cm de profundidade.

Painel 4

Superfície de grandes dimensões, que se localiza do lado Este da Fraga da Pegada. Neste painel apenas se encontram presentes perfurações recentes, realizadas por máquinas motorizadas. Apesar de apresentar uma boa superfície, não se encontram gravados quaisquer motivos. (Fig. 11).

Painel 5

Superfície de pequenas dimensões que se situa do lado Este - centro da Fraga. Apesar de alguma inclinação, consideramos este painel como horizontal, pois quase não apresenta pendente. A única gravura que apresenta é uma cruz. (Fig. 12).

Motivo 1- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 6 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.

Painel 6

Superfície de médias dimensões que se situa do lado Este da Fraga. Tem uma orientação sub –vertical. O painel apresenta um conjunto de pegadas, uma pegada isolada e um cruciforme (Fig. 13). Poderá ter sido este o painel que deu nome à Fraga? Os podomorfos encontram-se todos associados, distando de poucos centímetros uns dos outros, sendo fácil visualizá-los. (Fig. 14).

Motivo 1- Podomorfo ou gravura em forma de pegada humana que compõe o par do motivo 2 descrito em baixo. Mede 20 cm de comprimento, 9 cm de largura na zona anterior e 5 cm na zona posterior⁴.

Motivo 2- Podomorfo humano, mede 23 cm de comprimento, 10 cm de largura na zona anterior e 7 cm na zona posterior. Estes dois motivos compõem um par, pelo que os podemos considerar como um conjunto e não gravuras isoladas. São apenas aqui

⁴De acordo com a análise morfológica realizada por Mário Varela Gomes e J. Pinho Monteiro (1977) no artigo: “As rochas decoradas de Alagoa. Tondela – Viseu”, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VIII-IX, Lisboa, 145-164.

descriminados por uma questão de facilidade na sua descrição. Ambas têm uma profundidade de cerca de 2 cm.

Motivo 3- Podomorfo humano, isolado mas associado ao motivo anterior, aparecendo no entanto numa direcção perpendicular a este. Mede cerca de 22 cm de comprimento, 8 cm de largura na zona anterior e 7 cm de largura na zona posterior. Apresenta uma profundidade de 0,5 cm.

Motivo 4- Cruciforme simples que arranca de covinhas, constituído por um traço central que termina em ângulo, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 11 cm de comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e apresenta uma profundidade de cerca de 0,3 cm.

Painel 7

Painel de médias/grandes dimensões, sendo este o último que se situa do lado Este da Fraga da Pegada. A sua superfície é vertical. O painel apresenta quatro cruciformes, um isolado e os outros três associados na parte inferior esquerda do painel. Este painel poderia apresentar mais gravuras, mas foi em parte destruído por máquinas quando da construção da praia fluvial da Fraga da Pegada. (Fig. 15).

Motivo 1- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 13 cm de comprimento e 9 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 2⁵- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 10 cm de comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 3- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 9,5 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 4- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Painel 8

Primeiro painel do lado Oeste da Fraga da Pegada, constitui o outro lado do painel descrito anteriormente sendo também de médias/grandes dimensões. Tal como o anterior, apresenta também os negativos das extracções efectuadas pelas máquinas. Este painel apresenta duas ferraduras, sendo que uma tem um ponto central, e outras marcas feitas por máquinas ou ferros muito recentemente. (Fig. 16).

⁵Este cruciforme, e os dois que se seguem, só foram detectados após os trabalhos de campo de decalque directo pelo que não foram assinalados no desenho do painel 7 em anexo.

Motivo 1- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 6,5 cm de comprimento e 5 cm de largura. Tem cerca de 0,5 cm de profundidade.

Motivo 2⁶- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular com um ponto central. A gravura tem 10,5 cm de comprimento e 10 cm de largura. Tem cerca de 3 cm de profundidade.

Motivo 3- Traços recentes realizados por máquinas motorizadas.

Painel 9

Superfície do lado Oeste da Fraga da Pegada, de pequenas dimensões, apresentando uma inclinação sub – vertical. Apresenta 5 motivos gravados, sendo que dois ou três deles possam ser considerados como um só, apesar de serem descritos como gravuras individuais por questões metodológicas. (Fig. 17).

Motivo 1- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 8 cm de comprimento e 7,5 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 2- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado mede 9,5 cm de comprimento e 2,5 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,4 cm.

Motivo 3- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado, mede 9,3 cm de comprimento e 3 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm. Este motivo, e o motivo dois, poderão ser uma tentativa de gravar uma outra ferradura, apenas faltando uma ligação em cima, onde quase se tocam. Ou então, poderão os dois motivos estar ligados aos motivos 4 e 5.

Motivo 4- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado mede 5 cm de comprimento e 2 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.

Motivo 5- Gravura que apresenta uma morfologia de linha recta. Feita através da técnica de picotado mede 10 cm de comprimento e 1,5 cm de largura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.

Painel 10

Superfície de reduzidas dimensões do lado Oeste da Fraga da Pegada que apresenta uma disposição horizontal. Tem apenas um motivo gravado, mas este, ao contrário de todos os outros podomorfos que a Fraga apresenta, está apresentado em linha de contorno e não em baixo-relevo (Fig. 18), o que o torna único. (Fig. 19).

Motivo 1- Podomorfo humano isolado, sendo o único da estação representado em linha de contorno. Mede cerca de 23 cm de comprimento, 13 cm de largura na zona anterior e 9 cm de largura na zona posterior. Apresenta uma profundidade de 0,1 cm. Este poderá ser um dos motivos mais antigos da Fraga da Pegada.

Painel 11

⁶Apresenta um ponto central imperceptível a olho nu pelo desgaste que apresenta, e que apenas foi identificado após o trabalho de campo, não surgindo no desenho em anexo.

É o maior painel horizontal da Fraga da Pegada encontrando-se do lado noroeste da mesma. Os principais motivos que apresenta são cruzes e covinhas. A localização deste painel na Fraga é interessante pois neste local, durante o Inverno, muitas das cavidades da rocha enchem-se de água, o que poderá ser uma mera curiosidade. (Fig. 20).

Motivo 1- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 5 cm de diâmetro e cerca de 1,5 cm de profundidade.

Motivo 2- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 5 cm de diâmetro e cerca de 2 cm de profundidade.

Motivo 3- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 2,5 cm de diâmetro e cerca de 1 cm de profundidade.

Motivo 4- Cruciforme que arranca de covinhas, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por dois outros traços. O segundo traço parece querer unir-se aos sulcos e covinhas, apesar de não o fazer, é levemente encurvado para baixo. Mede 28 cm de comprimento e 15 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 5- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 11 cm de diâmetro e cerca de 5 cm de profundidade.

Motivo 6- Cruciforme simples, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 19 cm de comprimento e 14 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Painel 12

É o único painel que apresenta os quatro temas mais representados na Fraga da Pegada juntos. Também é o único painel que apresenta uma morfologia horizontal e sub - vertical cuja linha de separação é imperceptível pelo que foi registado como um só painel. É uma superfície de grandes dimensões que se situa no centro da Fraga, num local que também se enche de água durante o Inverno, motivo pelo qual algumas gravuras se encontram muito danificadas. As gravuras concentram-se do lado Norte do painel (11 gravuras ao todo), sendo que no lado Sul apenas se encontram duas (motivos 1 e 2) (Fig. 21).

Motivo 1- Cruciforme simples que arranca de covinhas, constituído por um traço central, cruzado ortogonalmente por outro traço. Mede 9 cm de comprimento e 8 cm de largura. A técnica empregue foi a picotagem e a abrasão, apresenta uma profundidade de cerca de 0,1 cm.

Motivo 2- Antropomorfo esquemático cuja cabeça é uma covinha de forma semicircular com um diâmetro de 8 cm e uma profundidade de 3,5 cm. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem cerca de 22 cm de comprimento e 18 cm de largura.

Motivo 3- Covinha de forma circular. A técnica usada foi a picotagem e a abrasão. Tem 9,5 cm de diâmetro e cerca de 4 cm de profundidade.

Motivo 4- Podomorfo humano que compõe o par do motivo 5 descrito abaixo. Mede 18 cm de comprimento e 4,5 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Tem uma profundidade de cerca de 0,2 cm.

Motivo 5- Podomorfo humano com 18 cm de comprimento, 7 cm de largura na zona anterior e 5 cm na zona posterior. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,4 cm.

Motivo 6- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 8 cm de comprimento e 8,5 cm de largura. Tem cerca de 0,1 cm de profundidade.

Motivo 7- Podomorfo humano isolado. Mede 22 cm de comprimento, 7,5 cm de largura na zona anterior e 5,5 cm na zona posterior. Tem uma profundidade de cerca de 1 cm.

Motivo 8- Ferradura que apresenta a morfologia de linha semicircular. A gravura tem 13 cm de comprimento e 11 cm de largura. Tem cerca de 0,2 cm de profundidade.

Motivo 9- Podomorfo humano isolado. Mede 33 cm de comprimento, 14 cm de largura na zona anterior e 10 cm na zona posterior. Tem uma profundidade de cerca de 1,5 cm.

Motivo 10- Podomorfo humano isolado. Mede 12,5 cm de comprimento e 4 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Tem uma profundidade de cerca de 0,4 cm.

Motivo 11- Covinha de forma semicircular. A técnica usada foi a picotagem. Tem 7 cm de diâmetro e cerca de 0,5 cm de profundidade.

Motivo 12- Podomorfo humano que compõe o par do motivo 13 descrito em baixo. Mede 18 cm de comprimento e 6 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Tem uma profundidade de cerca de 0,3 cm.

Motivo 13- Podomorfo humano, mede 18 cm de comprimento e 8 cm de largura, que é mais ou menos constante nesta gravura. Apresenta uma profundidade de cerca de 0,5 cm.

Analisando a frequência e a distribuição interna dos diferentes motivos, observamos que os mais representados são, em primeiro lugar, os cruciformes (17), seguindo-se as ferraduras (12), as pegadas (11), os traços soltos (8) e por fim as covinhas (7). Se excluirmos os traços soltos, que por vezes aproveitam fissuras ou zonas de lascagem natural do suporte para representarem algo, temos quatro temas principais. A distribuição destes temas pelos diferentes painéis é também interessante.

Observando os cruciformes, vemos que estes se distribuem preferencialmente pelo lado Este da Fraga, em painéis verticais ou sub – verticais, sendo que dentro de sete painéis, apenas em dois não se encontram representados estes motivos. Quanto ao lado Oeste, surgem dois cruciformes no painel horizontal número 11. Verifica-se ainda a presença de uma pequena cruz no painel número 12.

As figuras cruciformes, cujas linhas arrancam por vezes de covinhas, têm levantado sempre muitas questões aos investigadores que lhes têm atribuído cronologias que vão desde o Neolítico Antigo até à Idade Moderna. Através dos estudos de sistematização, realizados por Martinho Baptista, nas estações de arte rupestre do Gião e da área transmontana, o autor considera que estes motivos configuram uma “evolução dos tipos

antropomórficos até aos simples cruciformes”. Os cruciformes representam assim, efectivamente a fase final do Grupo II. O mais provável será que estes antropomorfos cruciformes pouco a pouco se transformem nas cruzes cristãs. Deste modo este motivo liga-se a uma dupla tradição: a indígena, vinda da Idade do Ferro, e a cristã, importada através dos primeiros missionários (Baptista 1983/84: 76).

Em relação às ferraduras, no lado Este, estas surgem representadas em grande quantidade no painel número três. Contrapondo esta grande representação mas pequena distribuição do lado Este, no sector Oeste as ferraduras são em menor número mas conhecem uma maior distribuição nos diferentes painéis. É também de assinalar que no lado Oeste as ferraduras têm características que as diferenciam entre si, como é o caso da ferradura que constitui o motivo número 2 do painel 8 (com covinha central).

As pegadas surgem representadas em três painéis distintos. O primeiro situa-se do lado Este e apresenta três pegadas, um par e uma associada ao par. O segundo apresenta uma pegada em linha de contorno e não em baixo-relevo como todas as outras. O terceiro é o painel central número 12, que apresenta cerca de 7 pegadas sendo sem dúvida o painel com uma maior concentração destes motivos.

Os podomorfos surgem em diversos pontos do país. Geralmente associados a covinhas, ferraduras, círculos e cruciformes. Assim, encontramos paralelos para a Fraga da Pegada em muitos sítios sendo a zona mais estudada, a nível dos podomorfos, o concelho de Tondela, distrito de Viseu (Gomes & Monteiro 1977: 145 ss.; Santos *et al.* 2006: 140). Nos últimos anos, especialmente na Beira Interior, têm sido descobertas centenas de podomorfos de diversas tipologias.⁷

Por último temos as covinhas, estas distribuem-se pelos painéis 1, 11 e 12. Em relação aos painéis 1 e 11, quase os podemos considerar como o mesmo ou pelo menos associados pois encontram-se os dois do lado Norte da Fraga da Pegada apresentando uma disposição horizontal. Considerando-os como uma unidade podemos dizer que é a superfície da Fraga que apresenta este motivo em maior quantidade. O painel número 12 apresenta duas covinhas, uma numa superfície sub – vertical e outra numa superfície horizontal.

Devido à densidade e características que apresentam, os painéis mais significativos na Fraga da Pegada são os números 3, 6, 11 e 12.

O primeiro lugar é ocupado pelo painel número 3 que apresenta incontestavelmente o maior número de gravuras. Na sua maioria são cruzes, ferraduras, círculos e dois motivos mais complexos. As gravuras conheceram diferentes momentos de realização, não sendo de assinalar no entanto nenhuma sobreposição. As gravuras mais antigas deverão corresponder aos motivos mais complexos (9, 21), às ferraduras e aos círculos. A maioria dos cruciformes deverá corresponder já a marcação de termo. Devido à largura e profundidade que apresentam, foram possivelmente realizados com o auxílio de um instrumento em ferro, durante o período medieval, moderno ou até mesmo contemporâneo.

O painel número 6 destaca-se não só pelas gravuras que apresenta como também pelo local que ocupa na massa rochosa da Fraga. Ocupando um painel do lado Este da Fraga, situa-se no centro, no local mais apropriado para quem passa para o lado Oeste da Fraga sem ter que a circundar. Daí que sejam relevantes os três podomorfos que se encontram insculpidos neste painel.

No painel número 11 destacam-se as várias covinhas que foram gravadas, e a grande superfície horizontal que ocupam. Este é o maior painel horizontal presente na Fraga da Pegada.

⁷ Informação pessoal dada por António Martinho Baptista (CNART)

Por fim o painel número 12, que ocupa um lugar central em toda a morfologia da Fraga da Pegada, constituindo um nicho próprio e individual. É o único painel onde vemos representados os quatro principais motivos da Fraga juntos: cruciformes, pegadas, covinhas e ferraduras. É também o único painel que tem a particularidade de apresentar uma morfologia horizontal e sub –vertical.

Deste modo, podemos concluir que cada painel possui características próprias. Estas são dadas não só pela morfologia do suporte em que se inscrevem como também, pelos motivos e pela associação dos mesmos entre eles. Muitos painéis apresentam também elementos diferenciadores como o sejam o antropomorfo em *fi* (painel 2), os motivos complexos (painel 3), a ferradura com covinha interior (painel 8) e a pegada em linha de contorno (painel 10).

Técnica

Quando analisada a técnica de gravação da Fraga da Pegada, podemos apreciar duas práticas distintas: a picotagem e a abrasão. A maioria dos motivos terão sido realizados através da técnica da picotagem, operação à qual se seguiu, nalguns casos, a abrasão.

Deste modo, podemos observar motivos muito profundos, sendo a secção do traço em U e outros, pouco profundos, também com uma secção em U. Quando, para além da picotagem, se recorreu à técnica da abrasão, as arestas das gravuras apresentam-se regularizadas.

A maioria das gravuras deverá ter sido realizada com o recurso a um martelo em ferro. No caso das figuras mais antigas, os motivos poderão ter sido martelados com picos líticos.

Programa de Conservação e Valorização da Fraga da Pegada

Ligada à preservação da Fraga da Pegada, surgem uma série de dinâmicas erosivas que se têm de precaver. Para tal, torna-se necessário neste ponto definir uma estratégia de preservação e gestão deste património para que a sua apresentação pública não resulte em danos para a própria.

Em primeiro lugar temos a rocha em si. Sendo em xisto, que se constitui como uma rocha metamórfica, tem uma tendência natural para a fractura. Não será nunca possível estabilizar completamente um afloramento de xisto, sendo que este obedece a um equilíbrio natural próprio, não se tratando de um monólito imutável (Fernandes 2004: 12). A falta de informação existente sobre a conservação de xistos *in situ* está, pouco a pouco, a ser ultrapassada pelos trabalhos realizados no Parque Arqueológico do Vale do Côa. António Pedro Batarda Fernandes, coordenador do Programa de Conservação deste parque, discutiu, numa apresentação realizada em Salamanca⁸, os limites razoáveis de intervenção nos trabalhos de conservação de superfícies de arte rupestre, tendo em conta que a totalidade do afloramento pode ser considerado como um *objecto de arte*. Apesar da destruição do lado Sul a que já foi sujeita e à perenidade de certas superfícies, pensamos que a Fraga da Pegada não necessita nenhum trabalho de conservação no caso de existir um compromisso de vigia por parte da entidade responsável pela sua apresentação.

Outra ameaça a este monumento é a da flora existente como as silvas e as giestas, que teimam em irromper das suas fissuras. Para evitar consequências que poderão ser graves a longo prazo, a vegetação não só da Fraga da Pegada como também a envolvente, deve ser observada e intervencionada de uma forma sistemática. Ainda em relação à flora,

⁸ “Curso: Arte Rupestre Al Aire Libre. Investigación, protección, conservación y difusión”. Salamanca, 15, 16 e 17 de Junho de 2006.

pensamos que ocasionalmente, alguns painéis poderão necessitar de uma limpeza de musgos ou líquenes. Neste caso, a solução que se propõe é o sistema de limpeza que foi utilizado na limpeza dos painéis, antes dos decalques directos, que se encontra descrito na metodologia do presente artigo.

Outro elemento que poderá ser considerado como uma ameaça para a conservação da Fraga da Pegada é o próprio Homem. Para prevenir tal ameaça torna-se necessário elucidar as populações sobre o património que as rodeia e que lhes pertence. Neste sentido, procura-se envolver as populações locais e o público em geral no património existente no concelho de Macedo de Cavaleiros. Para tal, irá ser afixado no local um poster de carácter informativo e/ou pedagógico (Fig. 22 e 23). Para além deste serão também imprimidos panfletos explicativos do local.

Para além deste poster, está a ser estudada a possibilidade de construir uma estrutura em madeira, constituída por um pequeno telhado de duas águas e uma passadeira aérea à volta da Fraga para a sua protecção e sistema de visita. Deste modo potenciam-se duas realidades distintas, por um lado a população e o público em geral terão livre acesso ao local, e por outro, a Fraga da Pegada ficará resguardada dos vários agentes humanos e naturais que têm contribuído para o seu desgaste.

Não podemos no entanto minimizar o impacto que a presença de visitantes causa nestes locais: vandalismo, deterioração, erosão, ou a perda de autenticidade ou de integridade (Fernandes 2003, p.7). Chama-se por isso a atenção para que exista um certo controle e acompanhamento do sistema de visita por parte das entidades competentes.

Considerações Finais

Assumindo o carácter sumariamente descritivo da presente apresentação da Fraga da Pegada, pretendemos num futuro próximo apresentar informações mais precisas. Estas terão de passar por determinar cronologias, a sua relação com os diferentes conjuntos gravados ibéricos e a contextualização arqueológica destas manifestações. Entretanto, o levantamento e a descrição detalhada dos motivos presentes na Fraga da Pegada, compõem uma primeira base para a primeira divulgação de uma manifestação cultural tão interessante e rica no contexto da arte rupestre transmontana.

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a preciosa ajuda no campo de Fátima Bento e de todos os voluntários. Foram também muito importantes os contributos de Pedro Guimarães (OlhoNegro Collective) e Pedro Tarroso(FC-UP), a quem se agradece todo o trabalho de registo fotográfico, imagens e grafismos. Por fim, ao Dr. António Martinho Baptista (CNART) pelas informações dadas e pela revisão do texto e ao Dr. Carlos Mendes (Associação Terras Quentes) pela possibilidade da apresentação deste trabalho. A autora gratifica ainda a bolsa individual concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

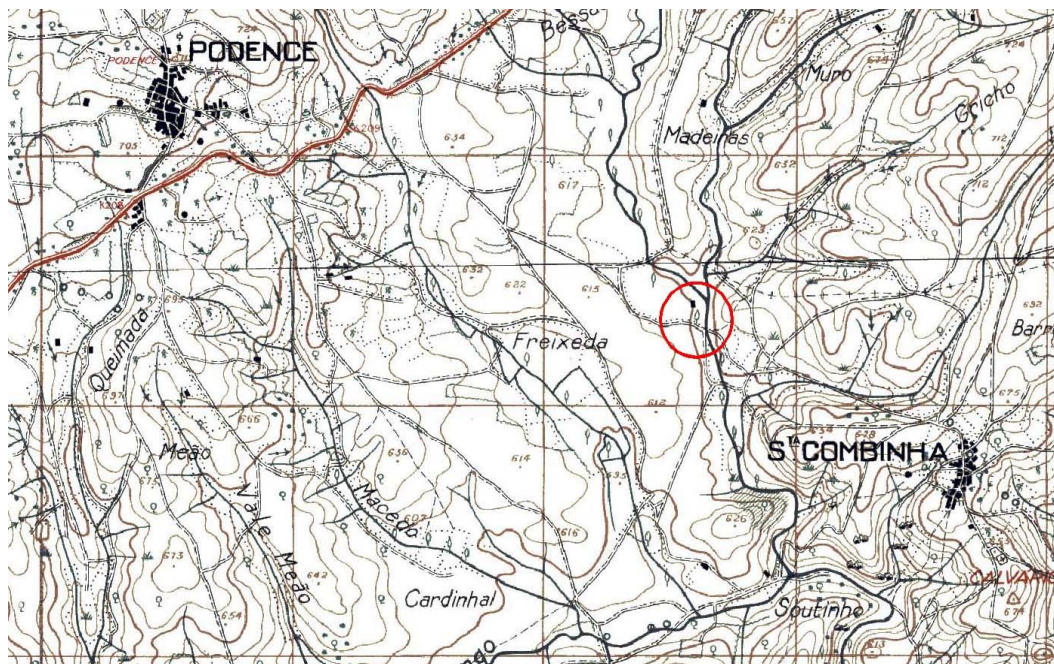




Figura 3- Trabalhos de limpeza na Fraga da Pegada



Fig. 4 e 5 – Vista anterior e posterior à limpeza manual do painel número 11



Fig. 6 – Vista do lado Oeste da Fraga da Pagada antes da sua limpeza

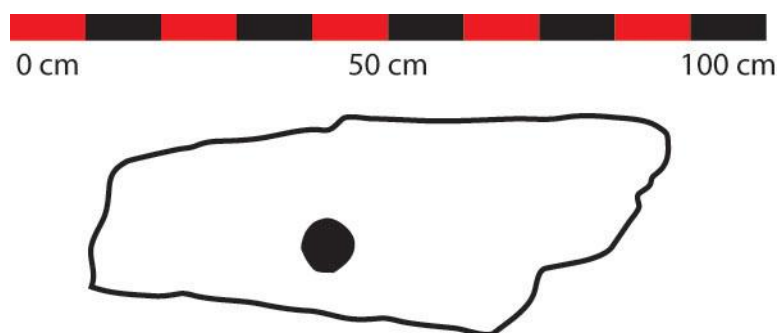


Fig. 7 – Desenho do Painei 1

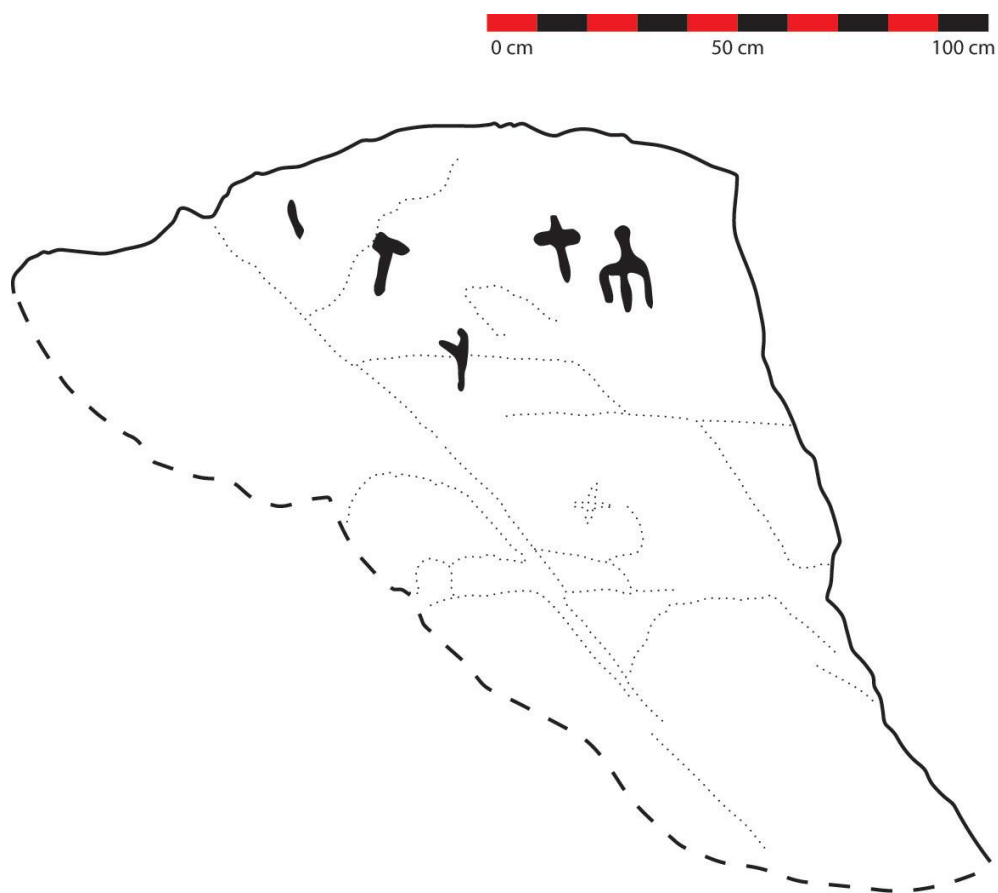


Fig. 8 – Desenho do painel 2



Fig. 9- Painel 3 do lado Este da Fraga da Pegada



Fig. 10 – Desenho do painel 3

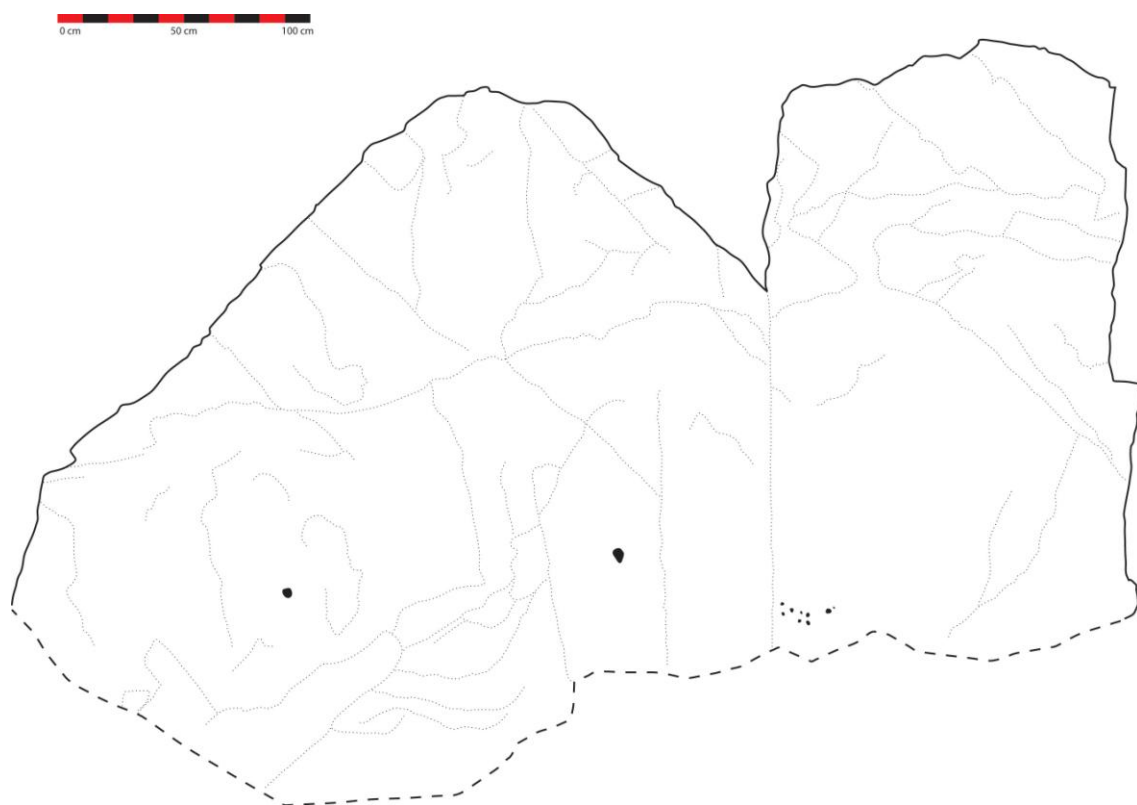


Fig. 11 – Desenho do painel 4

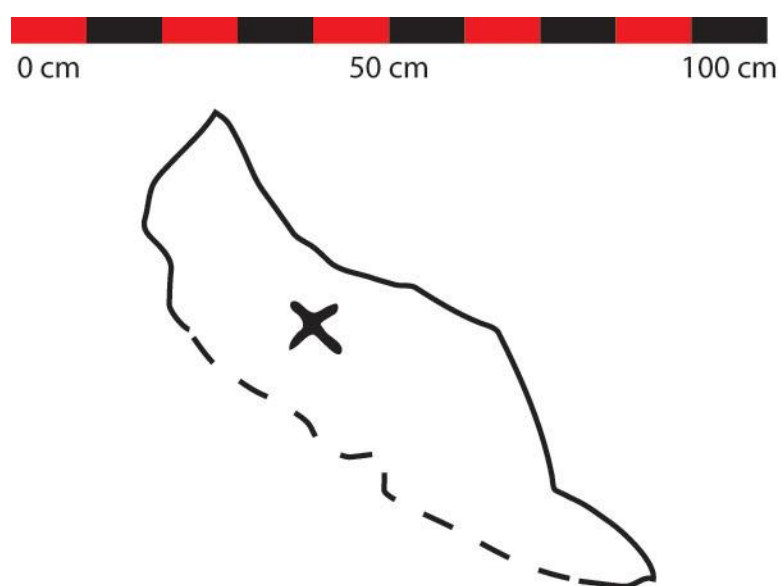


Fig. 12 – Desenho do painel 5



Fig. 13 – Pormenor dos podomorfos do painel número 6

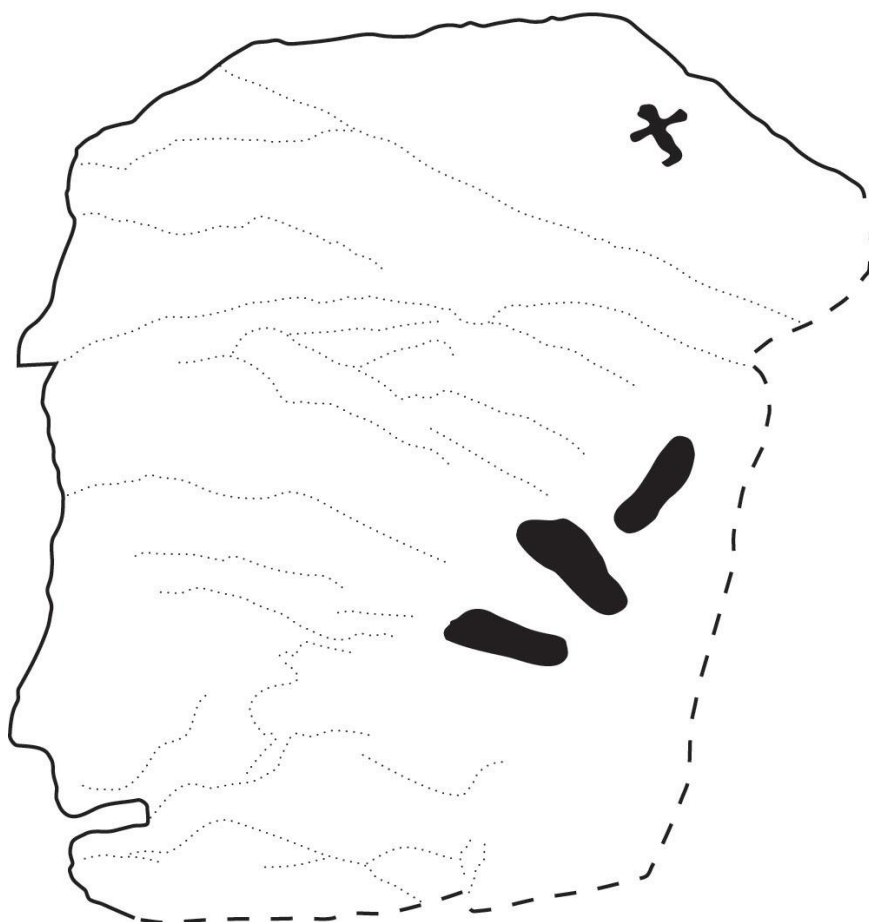


Fig. 14 – Desenho do painel 6

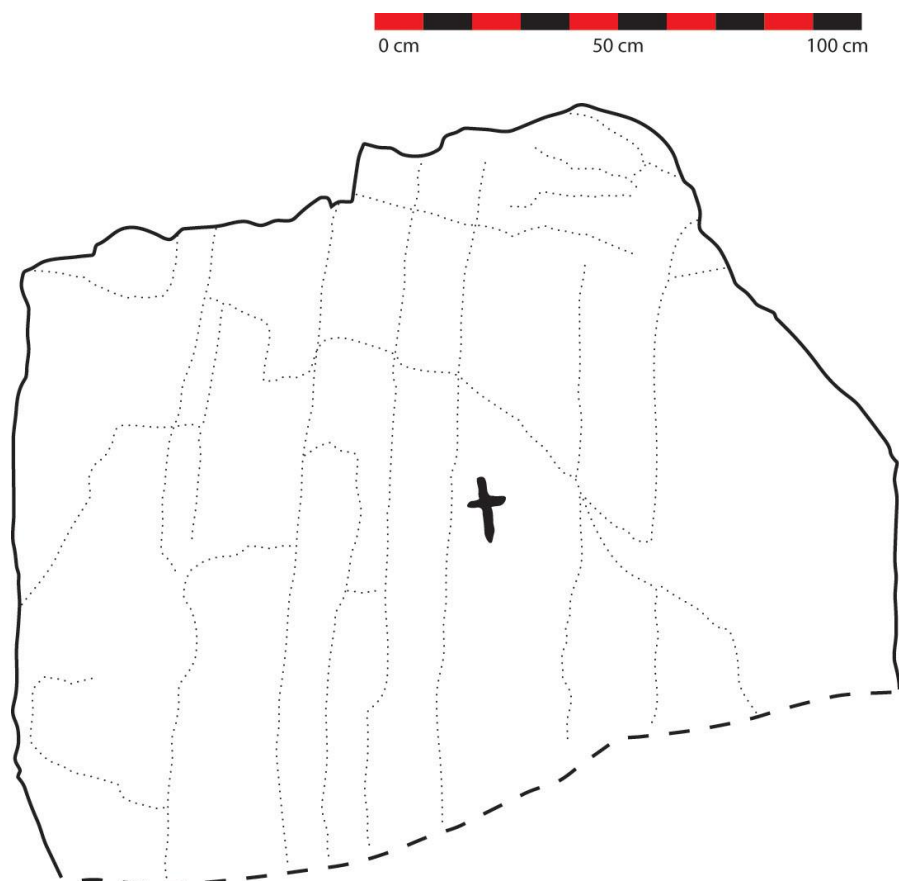


Fig. 15 – Desenho do painel 7



Fig. 16 – Desenho do painel 8

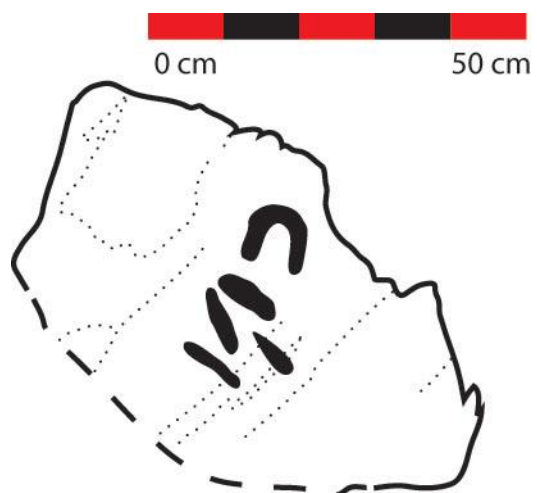


Fig. 17 – Desenho do painel 9

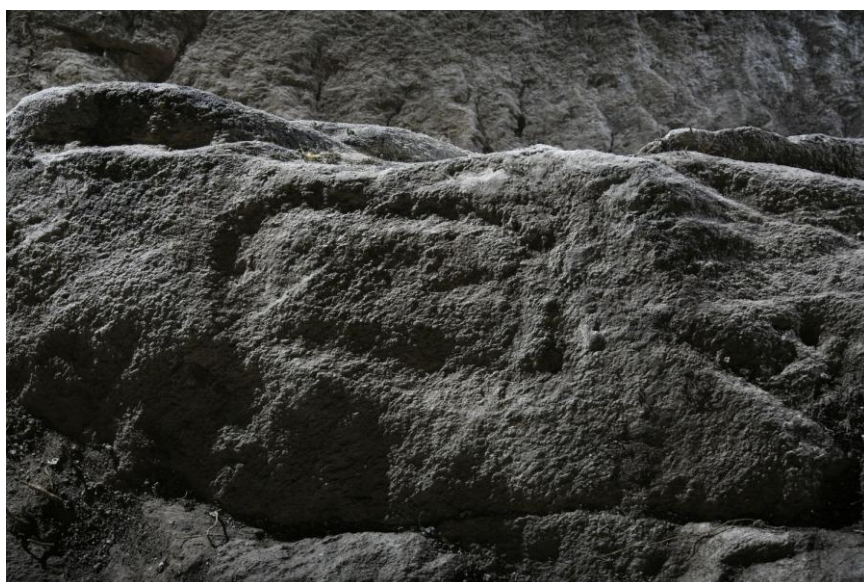


Fig. 18 – Podomorfo representado em linha de contorno do painel 10

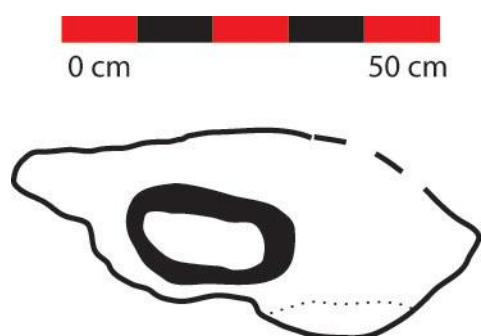


Fig. 19 – Desenho do painel 10

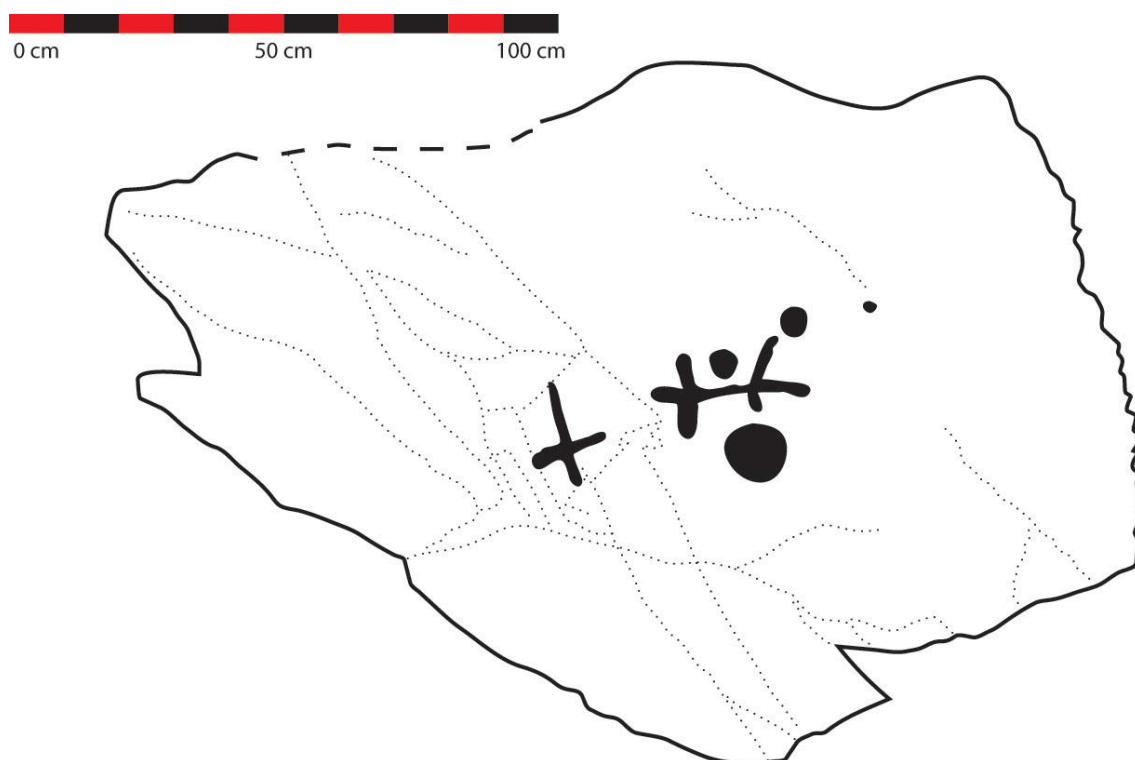


Fig. 20 – Desenho do painel 11

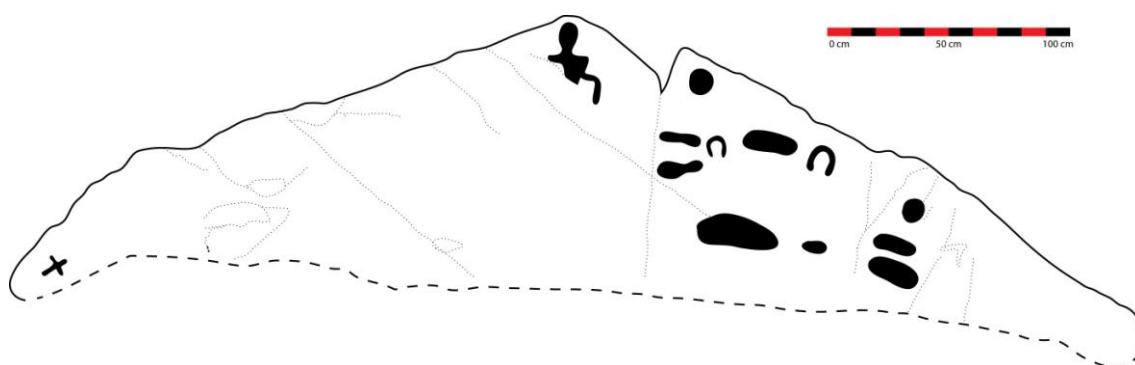


Fig. 21 – Desenho do painel 12

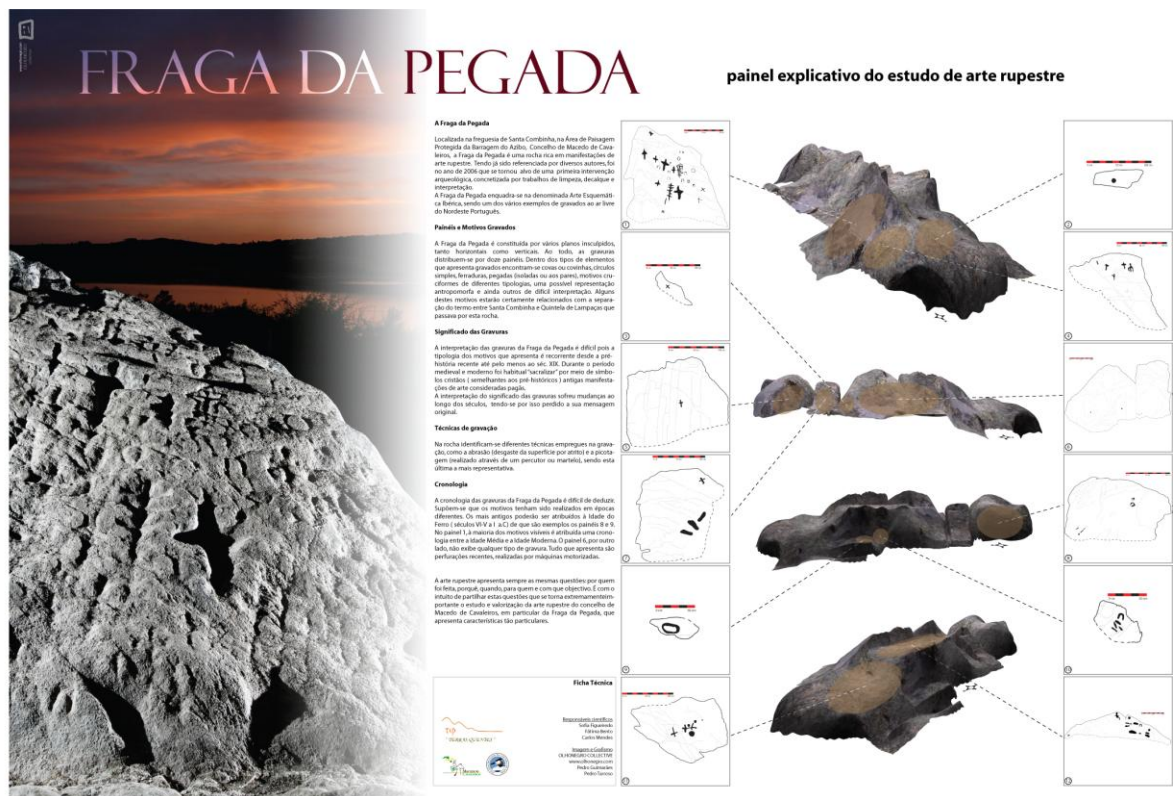


Fig. 22- Imagem do poster explicativo da Fraga da Pegada

Painel explicativo de Arte Rupestre

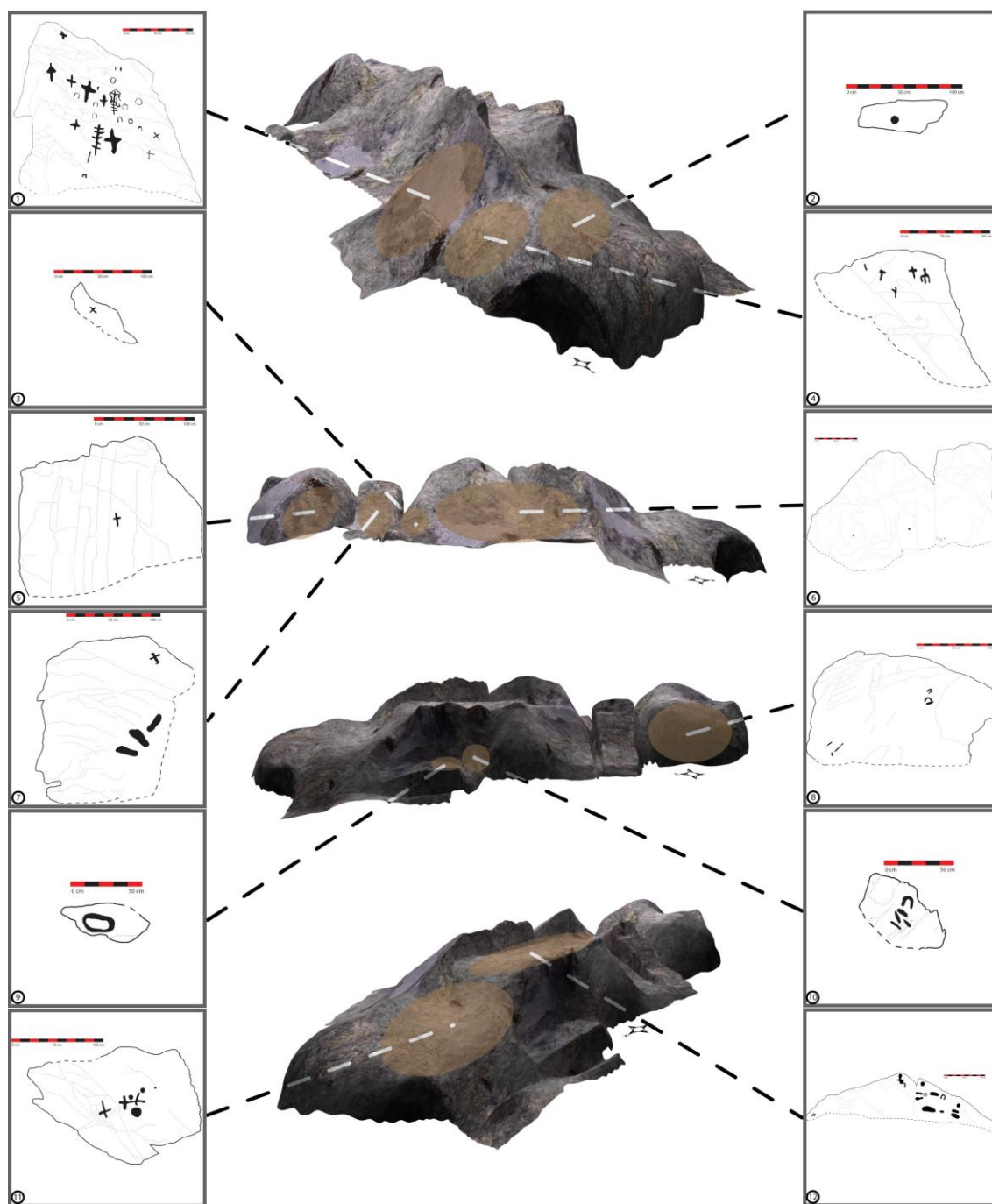


Fig. 23 – Pormenor do painel explicativo da arte rupestre da Fraga da Pegada com o levantamento 3D.

Bibliografia

Alves, F. M. (1934) – *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte*, Porto: Emp. Guedes, vol. 9.

Baptista, A. M. (1983-1984) – “Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva.” *Portugália*. Porto. 4-5, p. 71-88.

Baptista, A. M. (1986) – “Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção”, *História da Arte em Portugal*, vol. I – Do Paleolítico à Arte Visigótica, Alfa.

Baptista, A. M. e Gomes, M. V. (1997) - “Arte Rupestre” in Zilhão (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, p. 213-406.

Baptista, A. M. (1999) – *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*, Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico Vale do Côa.

Carta Geológica de Portugal à escala de 1:50.000. Folha 7-D Macedo de Cavaleiros. Instituto Geológico e Mineiro.

Fernandes, A. P. B. (2003) – “O sistema de visita e a preservação da arte rupestre em dois sítios de ar livre do Nordeste português: o Vale do Côa e Mazouco”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, nº2, p.5-47.

Fernandes, A. P. B. (2004) – “O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Filosofia, objectivos e acções concretas”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 7, nº1, p.5-37.

Gomes, Mário Varela; Monteiro, Jorge Pinho (1977) – “As rochas decoradas de Alagoa. Tondela – Viseu”, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VIII-IX, Lisboa, p.145-164.

Martins, A. (2006)- “Gravuras rupestres do Noroeste peninsular: a Chã da Rapada”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, nº 1, p. 47-70

Mendes, C. A. S. (2005) – *Macedo de Cavaleiros - Cultura, Património e Turismo (Contributos para um Programa Integrado)*, Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

Neto, J. M. (1975)- *O Leste do Território Bracarense*, Torres Vedras: A União.

Sanches, M. J. e Lebre, A. G. (1986) – “O abrigo gravado com arte esquemática da Solhapa (Duas Igrejas – Miranda do Douro)”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 26, fasc. 1-4, Porto, SPAE, p.129-142.

Sanches, M. J. (1992) – “Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes), *Monografias Arqueológicas* 3, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

Sanches, M. J. (1997) – Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no Contexto Regional, *Textos*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 2 vols.

Sanchidrián, J. L. (2005) – *Manual de arte prehistórico*, Editorial Ariel, S. A., Barcelona

Santos, A. T. ; Cheney, A. e Azeiteira, A. J. (2006) – “A arte rupestre no concelho de Tondela: Uma perspectiva diacrónica”, *Côaviso*, nº 8, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, p. 138-147.